

Interação social na escola, formação e globalização**Social Interaction in School, Education, and Globalization****Herculano da Silva Melo¹****Sandra Maria Alves Barbosa Melo²**

Resumo: O presente artigo trata dos desafios atuais direcionados à formação profissional, pode-se considerar impostos pelo mundo globalizado (ou pelo desenvolvimento tecnológico), e como efeito disso, pelas novas formas de organização de trabalho e, porque não dizer pelo reflexo de um processo de democratização sempre emergente. Do mesmo modo pretende explicar algumas linhas teóricas que orientam o modelo de interação social escolar, o qual tem servido de base para formação, e comumente, para indicar o nível de reflexão da atual prática educativa. Na sequência de propósito, pretende abordar os aspectos teóricos que mais influenciam a ação pedagógica na atualidade, para, assim, buscar a lógica da nova forma de organização do processo de interatividade escolar, aquela que acaba sendo mais influenciada pelos estímulos dos ambientes virtuais do que dos naturais e, assim, possibilitar que o sujeito que busca, consiga, desde já perceber a necessidade de se encontrar nesse espaço de aprendizagem, mesmo nessas condições, para, do mesmo modo, desenvolver uma formação que entre em sintonia com a chamada Globalização. O trabalho foi realizado utilizando da modalidade qualitativa de pesquisa que se efetivou por meio de uma revisão de literatura. Destarte, desenvolver estratégias de ensino que parta das condições mais reais possíveis, para, assim, estimular a reflexão do agente sobre sua própria capacidade de perceber, objetivando ainda, permitir que o mesmo avance e entremeie no contexto de mundo globalizado, para da mesma forma, conhecer a realidade na qual vive.

405

¹ Mestrando em Ciências da Educação pela Universidade Interamericana do Paraguai. Possui graduação em História pela FESB - Faculdade de Estudos Sociais da Barra do Garças / MT (1998); Especializações em Teoria da História e História Regional (2005) pela UFMT; em PROEJA (2010) pelo IFMT; em Docência do Ensino Superior (2013) pela FACITE - Faculdade de Ciências e Tecnologia / BA; Professor Efetivo das redes Estadual e Municipal de Ensino: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT) e, Secretaria Municipal de Educação de Barra do Garças - MT (SEME/BG/MT). - E-mail: herculanosmelo@gmail.com

² Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Desarrollo Sustentable do Paraguai - Possui formação em Magistério pela SEDUC-MT, concluída em 1989. Possui formação em Pedagogia pelas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia, concluída em 1999. Possui especialização em Psicopedagogia pelas Faculdades Unidas do vale do Araguaia, concluída em 2002. Possui Especialização em Teoria da História e História Regional pela UFMT, concluída em 2003. Possui especialização em PROEJA pelo IFMT, concluída em 2008. Possui Mestrado em CIENCIAS DA EDUCAÇÃO pela UDS - Universidade Desarrollo do Paraguai, concluído em 2018. E-mail: mellosan@gmail.com

Recebido em 11/01/2021**Aprovado em 08/02 /2021****Sistema de Avaliação: *Double Blind Review***

Palavras-chaves: Interação social escolar. Formação. Globalização.

Abstract: This paper addresses the current challenges faced in professional training, which can be considered as imposed by the globalized world (or by technological development), and as a result, by new forms of work organization and, arguably, by the reflection of an ever-emerging democratization process. Similarly, it aims to explain some theoretical lines that guide the model of social interaction in schools, which has served as a foundation for training and commonly indicates the level of reflection in current educational practice. Following this purpose, it intends to address the theoretical aspects that most influence pedagogical action today, in order to understand the logic of the new form of organization of the school interactivity process, one that is increasingly influenced by stimuli from virtual rather than natural environments. This allows the individual in search of knowledge to recognize the need to engage in this learning space, even under these conditions, and to develop an education that is in tune with what is known as Globalization. The study was conducted using qualitative research methodology through a literature review. Hence, it aims to develop teaching strategies that start from the most realistic conditions possible, thereby stimulating the agent's reflection on their own capacity to perceive, with the goal of enabling them to advance and intertwine in the context of a globalized world, and similarly, to understand the reality in which they live.

406

Keywords: School social interaction. Training. Globalization.

Introdução

Este artigo tem como objetivo geral explorar e analisar os desafios contemporâneos enfrentados na formação profissional dentro do contexto de um mundo globalizado e em rápida evolução tecnológica. Ele visa compreender como essas mudanças afetam as estruturas e práticas da organização do trabalho e refletem um processo contínuo de democratização. O estudo se propõe a investigar as teorias que fundamentam a interação social no ambiente escolar e como essas teorias influenciam a formação e a prática educativa atual. Além disso, o artigo busca identificar e discutir os aspectos teóricos mais relevantes que impactam a pedagogia contemporânea, com ênfase especial na lógica por trás da nova organização do processo interativo escolar, especialmente em um ambiente cada vez mais dominado por estímulos virtuais.

O objetivo é proporcionar contributos sobre como os indivíduos podem adaptar-se e prosperar em espaços de aprendizagem influenciados pela globalização, e como estratégias de ensino podem ser desenvolvidas para estimular a reflexão crítica e a compreensão da realidade global em que vivemos. Este estudo se baseia em uma metodologia de pesquisa qualitativa

(GONÇALVES, 2007), realizada através de uma revisão abrangente da literatura existente sobre o tema, porque na atual conjuntura, a qual traz como marca a vigência do chamado contexto das inovações tecnológicas, concomitantemente da globalização da economia, quando mudanças vêm ocorrendo de maneira muito acelerada e nos diferentes campos do universo econômico, social e cultural, trazendo novos desafios para o mercado de trabalho e conseqüentemente, para o perfil do profissional que nele deverá atuar. Tais transformações vêm provocando alterações nos padrões de intervenção estatal as quais resultam na emergência de novos mecanismos e novas formas de gestão redirecionando as políticas públicas, em particular as educacionais.

Conforme já sinalizado as reformas educacionais implementadas no atual contexto vão produzindo mudanças principalmente nos setores administrativos, financeiros e pedagógicos da educação, redimensionando prioritariamente as funções dos profissionais do ensino. Isso ratifica a afirmação de que o paradigma centralizador de gestão foi totalmente substituído por um modelo descentralizado o qual traz para o gestor escolar novo papel, novas funções, nova formação, é o que atesta a Conferência de Jomtien 1990, a partir de quando todas as diretrizes para o ensino brasileiro passaram a ter vigência no Plano Decenal de Educação para todos 1993-2003, na LDB 9.394/96, no Plano Estratégico de Educação de 1995-1998, no Plano Nacional de Educação 2001-2012 e, como não poderia ser diferente, nos conselhos escolares, conforme estabelecem os artigos 12 a 14 LDB 9.394/96 (BRASIL, 1996). É o indicativo de que houve uma radical mudança de rumos na Política Nacional de Educação.

O novo cenário (LANE, 1981) e as novas demandas que vêm se desenhando na emergência do atual contexto social aponta para uma profunda transformação nos perfis profissionais a qual deve se sustentar em novos fundamentos, em novos padrões e, dessa forma constituir-se em revigoração do processo de desenvolvimento humano, bem como na implementação de um novo ciclo de cidadania, aquele regido fundamentalmente pelos princípios democráticos de direitos e deveres. Onde está o Marco Teórico dessas afirmações? Na *Psicologia Social*, conforme atesta Maurer Lane 1981 (p.22-36): *assumimos que somos essencialmente nossa própria identidade social, sendo ela a consequência de nossas escolhas (adaptação nossa)*.

Esse processo perpassa por vários caminhos onde, e por intermédio de trocas, a prática pedagógica, passa a ser considerada como um meio de tornar-se significativa.

A pesquisa bibliográfica efetuada para fins de compreensão dos conceitos de gestão administrativa e pedagógica, deve-se sustentar em novos fundamentos e constituir-se em processo de desenvolvimento e assim podendo contribuir com uma sociedade mais justa e mais fraterna, identificar valores étnicos e morais de sua conduta, no estabelecimento de práticas comunicativas.

Na concepção atual o gestor não é um mero administrador de recursos humanos e materiais, além disso, ele precisa ter competência para atuar em campos mais complexos, como no econômico e cultural de uma sociedade.

Considerar o meio humano como condição de humanização remete à uma visão de escola como um espaço social privilegiado de formação. A educação escolar, sistemática, intencional, deve dirigir-se primeiramente à personalidade inteira da pessoa e, ainda que priorize o trabalho com o conhecimento, a ação pedagógica influi de forma abrangente em todas as suas dimensões.

Nesse sentido, a escola deve levar em conta que as necessidades do aluno são de ordem diferenciada: motora, cognitiva, afetiva e social e minimizar qualquer uma delas significam comprometer o processo como um todo.

O aluno leva para a escola características de seu ser biopsíquico indiciado de suas condições materiais e sociais de existência, e a escola, como um fator que introduz no cotidiano um tempo de dedicação e exige inúmeras adaptações não pode se furtar ao trabalho de ensino/aprendizagem descomprometido com o processo de desenvolvimento intelectual, social e moral, que ocorre simultaneamente à aquisição de conteúdos e disposição para avaliações.

Na perspectiva dos estudos sobre ensino e aprendizagem, autores de diferentes áreas e abordagens da Psicologia, apesar de terem posições epistemológicas pouco conciliáveis, apresentam ideias convergentes a respeito do papel de professores e alunos na aprendizagem escolar. Tanto os autores ligados à Análise do Comportamento (Keller, 1972), como aqueles vinculados à Escola de Genebra (Coll, 1985; Coll, 1987) enfatizam a necessidade de um aluno ativo e responsável pelo seu desenvolvimento escolar, e de um professor competente, na organização de contingências ambientais para os primeiros, e no arranjo de um ambiente propício ao desenvolvimento operatório, para os segundos. Nos trabalhos sobre ensino-aprendizagem é possível depreender, ainda, a necessidade de considerar o caráter relacional desse processo (Neri, 1980).

Considerando, portanto, que o processo ensino-aprendizagem escolar é constituído de interações entre professores e alunos, que trabalham pelo objetivo comum da aprendizagem do aluno, uma questão que se põe é a do que acontece com o aluno enquanto ele aprende. O problema assim colocado implica procurar saber quais são as diversas modificações do desempenho do aluno na medida em que ele se relaciona com seus professores.

As alterações do desempenho dos alunos podem ser tomadas como indicadores objetivos das aprendizagens que ocorrem. Trata-se de alguma coisa bastante concreta, a ser examinada e avaliada tendo por base as contribuições ao desenvolvimento da criança. Vale reafirmar que estas aprendizagens são aprendizagens sociais. O caráter "social" sendo dado pelo conteúdo, ao mesmo tempo um produto da cultura e do que uma sociedade toma como necessário à formação dos seus integrantes e, também, no sentido de serem aprendizagens realizadas pela intermediação de outra pessoa, no caso, o professor.

Nossa intenção, aqui, é apresentar uma tentativa de considerar, simultaneamente, os desempenhos de professores e alunos, e de fazê-lo levando em conta a aprendizagem dos alunos. Para isso, contaremos algumas coisas de uma sala de aula da qual participamos fazendo pesquisa. Começaremos descrevendo duas situações em que estavam sendo realizadas atividades denominadas "sequências" e "escrever o cabeçalho". Nessas atividades, parte do desempenho dos alunos indicava que a professora e eles haviam atingido alguns objetivos. Em seguida, apresentaremos a descrição da primeira vez em que estas atividades foram realizadas naquela sala.

As principais perspectivas da Interação Social na Escola

Interessa-nos principalmente, nesses relatos da sala de aula, o fato de permitirem reconstruir o percurso do professor e dos alunos, para atingir alguns objetivos, tais como: estar em silêncio em determinadas ocasiões; estar atento à professora; identificar o motivo de uma sequência; reproduzir o motivo identificado formando uma sequência; escrever o seu nome completo, o dia, o mês e o ano, sem copiar de um modelo.

Buscando clareza ao falar de eventos complexos, tentaremos trabalhar com os dois tipos de situações descritas: as "sequências" e o "cabeçalho". Optamos por selecionar algumas das descrições dos diversos episódios da atividade de "sequências" e da atividade de "escrever o cabeçalho", assumindo os riscos implícitos nesta decisão. As descrições escolhidas serão

tomadas como exemplos, permitindo indicar o modo como se dá a interdependência dos desempenhos da professora e dos desempenhos dos alunos, e a consecução simultânea de mais de um objetivo nas salas de aula.

Depois de aproximadamente um mês e meio de aula a situação na sala é a seguinte: os alunos estão sentados, alguns seguram os lápis, outros têm as mãos sobre as mesas; há silêncio da parte deles. No quadro, a professora escreve um exercício que diz: "1 - complete a sequência", seguido de um desenho com um círculo, um triângulo, um quadrado, um círculo, um triângulo dispostos uns depois dos outros e, por fim, sinal de reticências. Na medida em que coloca o exercício no quadro, a professora lê o que escreve, em voz alta, e diz aos alunos para completarem o desenho até o final da linha e que para isso devem descobrir o motivo da sequência e dar continuidade a ela.

Em uma outra circunstância, aparentemente diferente desta, os alunos em sua maioria estão sentados nas respectivas cadeiras e têm sobre as mesas um caderno. Alguns alunos em pé ou de joelhos pegam seus cadernos nas mochilas. A professora diz então: "Escrevam o cabeçalho. Ponham nome e data. Nome completo". Pouco tempo depois há silêncio na sala de aula, todos os alunos escrevem e a professora anda entre as mesas dos alunos, olhando-lhes os cadernos, nesse momento podemos perceber um laço de interação entre professor e aluno.

Diante do modelo de especialização flexível a integração entre produção e controle da qualidade, o trabalho em equipe passou a substituir o trabalho individualizado, o trabalho humano modificou-se o conteúdo informativo obteve uma inserção de uma rede de informação e comunicação e isto tendem a desaparecer o ensino tradicional em todos os setores, favorecendo assim a mobilidade em qualquer setor do trabalho, surgem novas tendências e torna-se mais abstrato, intelectualizado, autônomo, coletivo e complexo.

Ferrari (2001), ao investigar se a inserção em um curso supletivo noturno, de uma escola da Periferia da cidade de São Paulo, teria provocado ou não mudanças substanciais nos alunos constataram que, na visão dos jovens, as mudanças principais diziam respeito à diversidade de interações propiciada pelo convívio escolar, já que, diferentemente do universo em que tinham vivido até então, o espaço escolar lhes dera a chance de, segundo eles, conhecer mais o mundo e as pessoas.

A frequência à escola aparece citada também como a possibilidade de superação do medo e da vergonha, antes impeditivos de participação em atividades que demandavam escolarização, e em superação do estigma – de fracasso escolar – que nutriam a seu próprio

respeito. Principalmente para os mais jovens, a frequência ao curso oportunizara a elaboração de projetos de vida e diferentes perspectivas de futuro, com a esperança de possível melhora de oferta de trabalho e continuidade dos estudos.

Embora considerando que o ensino ofertado não atende as necessidades do aluno trabalhador, constata-se que aqueles que o frequentam apresentam mudanças, relacionadas principalmente à adesão, até então, ao forte preconceito que pesa socialmente sobre o analfabeto ou sobre “quem não estudou”. Ao indicar seus planos para o futuro, os jovens, sujeitos da pesquisa, acreditam estar em pé de igualdade com outros alunos egressos de outras escolas num mesmo nível.

De acordo Brandão 2007 p. 55–60, “Educação: Isto e aquilo, e o contrário de tudo”, nada mais é que outra maneira de se compreender o que é educação, ou o que poderia ser. Foi pensando nos executores que comandam o ensino, filósofos e cientistas sociais que através do Dicionário Contemporânea da Língua Portuguesa, Caldas Aulete decodifica a ação e o efeito de educar; faculdades físicas intelectuais e morais da criança e em geral do ser humano.

Ao repensar este pensamento vamos perceber que o homem foi se tornando cada vez mais especialista, a partir de quando começa a desaparecer a preocupação com aspectos da produção do conhecimento, porque já se podia contar com uma educação que mais adiante vai ser concebida como uma arte que propicia o saber. Cada educação atrai um nível de transformação que por meio dela poderá mudar o mundo.

Um dos Paradigmas mais importantes deste contexto está na elaboração da Lei onde não se percebe muito a mudança, mas pode se estabelecer os fins da educação no País, quando nossos legisladores, pelo menos em termos de teoria consegue garantir a todos um legado.

Assim, conseguem determinar e controlar o trabalho administrativo e pedagógico em todos os seus graus e modalidades. A partir de quando se percebe uma educação padronizada e determinada a atender um padrão de conhecimento nivelado, às vezes desprovido de liberdade no que diz respeito ao ato de inovar, de criar e de saber ser.

Cabe o modelo de gestão juntamente com o pedagógico conjugar, ao mesmo tempo, os conteúdos do ensino e as disciplinas escolares com o gosto pela verdade, o espírito crítico, a consciência de suas responsabilidades sociais, objetivando a conquista da autonomia da pessoa do jovem.

O corpo docente de cada sala em particular precisa ter em conta que sua prática pedagógica não pode se esgotar na relação conteúdo-rendimento-indivíduo; que além disso,

possa alcançar o desenvolvimento da pessoa em integração, para dessa forma fortalecer a postura de cada um e a consciência do grupo enquanto cidadãos e priorizar o respeito por si mesmo e pelos outros.

A gestão administrativo-pedagógica de um espaço escolar precisa não somente administrar o seu financeiro, mas, além disso, ter a necessária e esperada liderança pedagógica para, assim, poder coordenar as ações da escola, demonstrando ter domínio sobre as múltiplas competências, estando, para isso, permanentemente se qualificando, e sempre ciente da importância de se ter por perto o amparo da chamada formação continuada.

A Interação Social na Vigência do Ser Social

Todo esse exposto até aqui estudado, traduz a interação social como um propósito por demais desafiante e, além disso, de natureza bem complexa, não pelo caráter estrito da proposição, mas por advir-se do próprio indeterminismo do ser social (do ser humano), condições as quais o eleva para uma dimensão ainda mais exigente, ou seja, para a vida em sociedade, na qual consegue expressar também sua cultura e conseqüentemente sua conduta. E, aqui, podemos ver a escola com sua verdadeira função social, ou seja, como um dos mais relevantes estágios de interação e encaminhamento social.

Partindo dessa perspectiva, ensejamos para analisar o redimensionamento corrente na vida do ser social, circunstância que pode ser conceituada em pelo menos três níveis fundamentais de percepção:

- **Na relação etnocêntrica**, aquela na qual o ser social é identificado a partir de sua relação étnica, ou grupal;
- **Na relação sociocultural**, aquela que vem se construindo a partir da combinação de valores, ou daquilo que poderíamos chamar de hibridismo cultural;
- **Na relação sócia ideológica**, aquela capaz de possibilitar ao ser social ascensão como efeito de suas próprias introjeções, ou seja, de seus valores, das convicções herdadas, da aprendizagem ou conhecimento adquirido e, por conseguinte, de seus interesses políticos, sociais e econômicos.

Além disso, pode-se conceituar outros vários níveis de complexidade agregados a esse ser, dentre eles, aquele advindo da sua própria natureza, e que diz respeito à sua capacidade de ser diferente apesar de ser semelhante ao seu próximo congênere.

Ainda nesse contexto, outro fator novamente torna-se objeto de reflexão, que seria o chamado efeito paradoxal, aquele determinante do desrespeito acentuado, que acaba levando as pessoas a conviverem no isolamento social, comprometendo profundamente, assim, o conceito de ética, de moral, de autoestima e autovalorização.

Assim, o elo que não somente deveria existir, e, além disso, tornar-se mais fortalecidos entre os congêneres acaba perdendo a grande chance de ganhar significados e relevância na construção de um relacionamento mútuo, e que, além disso, pudesse se ampliar.

É sabido que a evolução da afetividade depende totalmente da ação do ser sobre o meio, assim como o desenvolvimento de suas funções cognitivas. É também pela manipulação do meio, claro nas suas relações diurnas, que o ser humano ou social vai aprimorando sua capacidade, conseqüentemente adquirindo habilidades mentais e sociais tão básicas e essenciais para a sua interação social.

Se essas aquisições apresentassem ainda que tardiamente, anômalas ou irregulares, poderíamos dizer que isso poderia interferir seriamente no desenvolvimento de sua capacidade e, também, na construção de sua autoestima. A prova viria do sentimento de incompetência, ou da dita qualidade de pessimista que o outro poderia lhe transmitir, gerando, assim, um clima de reciprocidade inimiga, porque poder-se-ia perceber que, realmente, não seria capaz de controlar suas experiências, daí, a emoção daria lugar à impotência, abalando o equilíbrio harmonioso que deveria existir entre o prazer de viver e o prazer de aprender. (ARAGÓN, 2004).

Isso indica que o prazer, seja ele pela vida ou pelas emoções, tem a capacidade de nos direcionar, nos comandar, sendo o ponto de equilíbrio capaz de trazer segurança em qualquer situação da vida. Assim, pode-se dizer seguramente, que possuímos dois níveis mentais: o da emoção ou de sentimento, aquele capaz de comover, de adaptar e, outro que compreende que analisa que pondera que reflete. São interdependentes entre si, e junto formam um mecanismo dinâmico que impulsiona a tomada de decisões, contribuindo, assim, para a formação da personalidade do indivíduo. (ARAGÓN, 2004).

A Interação Social na Vigência da Autoestima

Conforme traduz as pesquisas já realizadas a respeito, percebe-se que a emoção impulsiona o indivíduo para a ação, e seu controle é essencial para o desenvolvimento da inteligência. Portanto, a emoção está para a razão assim como o prazer está para o “aprender”,

e para o “conviver”, e a autoestima é a ferramenta que movimenta os estímulos para gerar bons resultados nessas relações. Porque “o professor é um dos mais importantes mediadores da afetividade queira ele ou não, pois, a maneira como ele resolve conflitos e se relaciona com o aluno reflete inteiramente em sua vida” (GIMÉNEZ, *et. al*, 2021, p.245)

A autoestima exige assertividade. O indivíduo deve sentir-se no direito de ser levado a sério, de ter suas próprias opiniões e escolhas. Deve ser participante das relações em condições de igualdade, isto é, não ser considerado nem o “coitado”, nem o “perfeito”, mas ter seu direito de errar, de começar de novo, de investigar, de vivenciar e de experimentar o mundo de “seu jeito”, sem ter de levar em consideração o padrão de “normalidade” existente como senso comum, como a única forma de execução e de obtenção de resultados. (TAILLE, 2002).

Se o ambiente físico e social pode colocar o indivíduo frente a questões que rompem o seu estado de equilíbrio, se seu emocional e sua autoestima reagem às condições externas, isso indica que esse mesmo indivíduo poderá sair em busca de um novo comportamento, ou de comportamento mais adaptativo, para, assim, adequar-se aos novos desafios.

A ausência da autoestima compromete a capacidade de agir e de interagir de qualquer indivíduo, por isso, ela é uma necessidade fundamental para a sobrevivência, tem alto valor psicológico e econômico, porque é um critério de adaptação em um mundo cada vez mais desafiador, complexo e competitivo. (TAILLE, 2002).

Todo indivíduo nasce com o direito de ser feliz e de ser respeitado, de ser capaz de optar por seus objetivos e desejos e de traçar sua linha de vida por meio de seu trabalho e empenho, portanto, a autoestima dá sentido à vida e é muito mais importante do que se pensa no processo interação social, porque está ligada ao sentido interno do prazer e do aprender, e tem estreita relação com as influências do meio externo.

De acordo com (TAILLE, 2002, p.20) “A autoestima é o elo existente entre o gostar e o aprender, o partir e o chegar, o perder e o achar. Ela está ao alcance de quem consegue enxergar, seguramente, a ponte entre o sonho e a realidade”.

Portanto, quando se trata de interação social, recomenda-se que os indivíduos procurem transformar o próprio relacionamento em incentivo, para, assim, conseguir despertar, novos “motivos”, como por exemplo: o desejo de novas experiências, de mais ascensão social, etc.

Para quem encontra dificuldades em desenvolver uma boa autoestima sozinho, o ideal é contar com a ajuda de profissionais especializados, a exemplo do serviço de psicologia ou de psicoterapia, isso contribui muito para a mudança de percepção com relação a si mesmo, para,

assim, descobrir qualidades e oportunidades que antes não enxergava. Portanto, quando modificamos o relacionamento com nós mesmos, sem dúvida mudaremos também com os outros. Mediante ao exposto, devemos ter em mente que o exercício constante da autoestima é um dos mais elevados níveis de aprendizagem.

A Interação Social na Vigência do Interacionismo

A seguir, um a parte para efeito de reflexão sobre interacionismo. Pois bem: para que possamos concluir mais essa proposta de debate, conforme propõe o seu objeto de estudo, cujo tema é: Interação Social na Escola, Formação e Globalização, pelas impressões advindas ou ressoadas do contexto do chamado mundo globalizado, não há passo mais sugestivo do que antes darmos uma apreciada, ainda que de forma parcial ou sucinta sobre o conceito de interacionismo. É o que vamos fazer a seguir.

Conforme descreve a Revista Educação (2013), Interacionismo traduz-se na chamada terceira corrente a qual leva em consideração os fatores orgânico e ambiental, isto é, aspectos objetivos e subjetivos na determinação do desenvolvimento dos sujeitos.

Destaca ainda que os interacionistas acreditam numa complexa combinação de influências que podem favorecer o processo de aprendizagem, no qual o ser humano ou social torna-se o elemento central e não compreendido como ser passivo, mas, ao contrário, assume um papel ativo, utilizando-se dos objetos e de suas significações para conhecer, aprender e consecutivamente, se desenvolver.

Seguindo ainda as orientações da Revista Escola, vamos perceber que esta perspectiva, indica que a aprendizagem e o desenvolvimento são complementares, porque se inter-relacionam, se misturam e se completam, proporcionando ao indivíduo a responsabilidade pelo conhecer.

Isso confirma a tese de que a concepção Interacionista de desenvolvimento apoia-se na ideia de interação entre organismo vivo e meio e vê a aquisição de conhecimento como um processo construído para o indivíduo durante toda a sua vida, não estando, pronto ao nascer nem sendo adquirido passivamente graças às pressões do dito meio.

Piaget (1896-1980), um dos principais expoentes do Interacionismo, subscreveu que essa visão tem início de forma ativa e espontânea já na terna infância quando a criança inicia sua relação com o meio. Visão essa, estruturalmente diferente no adulto, mas funcionalmente

igual. Isso significa dizer que as estruturas mentais são próprias do nível de desenvolvimento de cada faixa etária, ou seja, são marcadas por estágios, sendo pelo contato com o mundo que o conhecimento é construído e introjetado nos indivíduos. Assim, Piaget, dedicou-se à investigação e compreensão do desenvolvimento cognitivo e sua teoria ficou também conhecida como construtivista. (Revista Educação, 2013).

Vygotsky (1896 – 1934), segue a mesma linha de percepção de Piaget, inclinando-se para valorizar o contexto sócio-histórico-cultural. Para ele, é pela relação com os mais experientes e pela força da linguagem que o sujeito se apropria ativamente do conhecimento social e cultural do meio em que está inserido. Assim, percebe as influências e as mudanças como recíprocas ao sujeito e ao meio no qual se encontra. (Revista Educação, 2013).

Resumindo, podemos concluir que o interacionismo vigente, não pode se ater apenas ao conceito teórico de interação social, ou seja, aquela efetuada da relação entre os indivíduos, conforme preconizou Piaget, mas, ao contrário, deve ir muito além disso, lembrando que somos os agentes da mudança, e mais, que a construção do conhecimento em nível historicista ocorre em forma de espiral, portanto contínua e sem possibilidade de retroagimento. Assim, o interacionismo enquanto elemento eixo do atual contexto histórico, deve equiparar-se à uma grande confluência receptora de paradigmas, ou pode-se dizer de todos os paradigmas já vivenciados pela humanidade. Daí, vamos perceber que pelo fato de fazermos parte desta geração, somos todos interacionistas, porque estamos o tempo todo interagindo com algo até então desconhecido, portanto novo ou, com algo por demais desafiador. Estamos o tempo todo rompendo com os paradigmas, talvez os reformulando, ou ainda quem sabe, reaprendendo o conceito de interacionismo. Vamos agora concluir nosso debate ao olhar das delimitações do objeto proposto para esse estudo.

Considerações Finais

Esse trabalho foi construído com base no pressuposto teórico de quem vê a interação social na escola perpassando o limite da formação para, assim, adequar ao projeto de globalização numa perspectiva inovadora. Na verdade, tudo poderá ser um processo reflexivo de cada envolvido na instituição. Ambas as fontes se referem ao controle de exercido pelas ações do aluno sobre as ações docente: a primeira refere-se ao desempenho passado deste aluno, a segunda refere-se ao seu desempenho futuro, planejado pelo (a) professor (a).

Assim, o suposto "planejamento" teria contribuído na decisão não só do tipo de atividade (neste caso envolvendo sequências), mas também no tipo de modelo escolhido. Seria preciso, portanto, supor possíveis comportamentos encobertos do(a) professor(a) projetando, no futuro, tanto as atividades a serem desenvolvidas quanto as condições necessárias para tal.

É possível dizer, por um lado, que as relações de contingência que se estabelecem entre os desempenhos de professores e de alunos resultam na diferenciação contínua do desempenho de ambos. Em consequência, por outro lado, as mudanças cumulativas observadas no desempenho dos alunos poderiam ser tomadas como indicadores seguros de aprendizagem. Estaria assim caracterizada a construção permanente do que se tem chamado de processo ensino-aprendizagem.

Concluimos que o corpo docente de cada sala em particular precisa ter em conta que sua prática pedagógica não pode se esgotar na relação conteúdo-rendimento-indivíduo; que essa prática possa alcançar o desenvolvimento da pessoa em integração para dessa forma fortalecer a postura de cada um e a consciência do grupo enquanto cidadãos e priorizar o respeito por si mesmo e pelos outros.

Finalmente, reafirmamos que a gestão administrativa e pedagógica de um espaço escolar precisa também não só administrar o financeiro como ter liderança pedagógica para, assim, coordenar as ações de uma escola. É preciso também ter domínio sobre as múltiplas competências e estar permanentemente bem qualificado. Por isso, a importância de se ter por perto o amparo em estudos junto a psicologia Social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007. 117 p.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

COLL, CS. Acción, interacción y construcción dei conocimiento em situaciones educativas. **Anuário de Psicologia**, 33(2), 59-70. 1985

COLL, CS. As contribuições da psicologia para a educação: teoria genética e aprendizagem escolar. Em Leite e Medeiros (Org.). **Piaget e a Escola de Genebra**. São Paulo: Cortez Editora. 1987



DA SILVA GONCALVES, Maria Célia. O uso da metodologia qualitativa na construção do conhecimento científico. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 199-203, mar. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000100018&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 05 jun. 2021.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000;

SANTOS, Adriana Aparecida. A Influência da autoestima no processo de ensino-aprendizagem. *Revista Universitária*, 2017.

TAILLE, Yves De La. Moral e Ética no Mundo Contemporâneo. **Revistas da USP**, 2002.

FERRARI, S. C. **Dar voz ao aluno do supletivo** – mudanças pessoais e suas razões. Tese de doutorado, PUC/SP, 2001;

GIMÉNEZ, Mercedes Blanchard et al. Afetividade na educação infantil: um estudo de caso à luz de Paulo Freire, Piaget e Wallon. **HUMANIDADES E TECNOLOGIA (FINOM)**, v. 32, n. 1, p. 245-258, 2021.

KELLER, F. S. Adeus, mestre! **Ciência e Cultura**, 24(3): 207-12, 1972

LANE, Silva T. Mauer. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1981. – (coleção primeiros passos; 39);

NERI, A.LO modelo comportamental aplicado ao ensino. Em W.M.A. Penteadó (Org.). **Psicologia e Ensino**. São Paulo: Papelivros. 1990.